

Um livro para se reconciliar com a história

Quem você é depois de *Brasil, construtor de ruínas* é tão importante quanto a leitura dele

Por Carolina Margiotte Grohmann

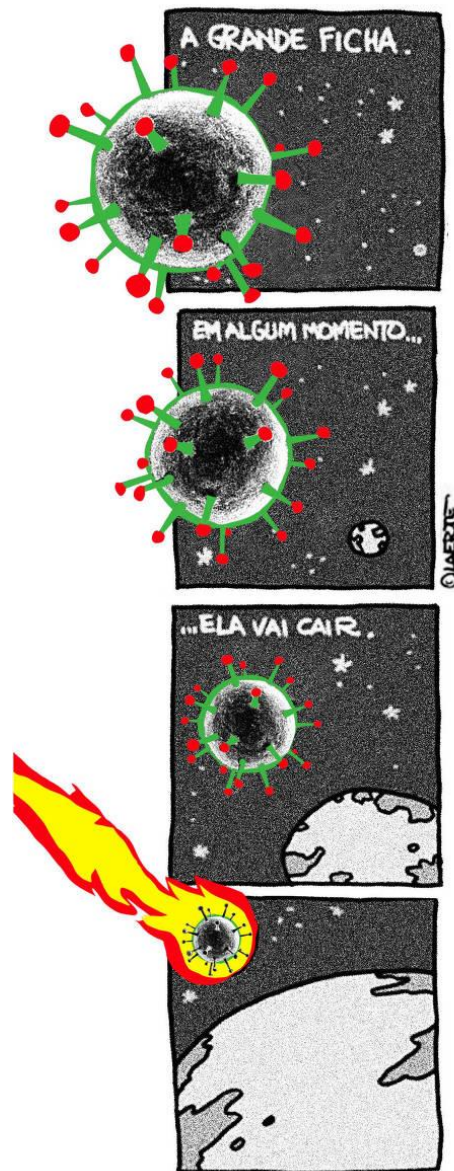
A grande ficha é uma tira da Laerte, publicada no [blog da cartunista](#) em abril de 2013. Na época, o Brasil era um país entrando num estado de ebulição que atingiria o seu ponto máximo meses depois com os protestos de rua - já conhecidos na história como Manifestações de Junho ou Jornadas de Junho. É o ano que não terminou: ainda hoje, respiramos 2013. Somos, em parte, resultado daquele ano que permanece. Talvez, por isso, *A grande ficha* rendeu a Laerte o título de transamã, uma vez que a cartunista antecipou, além da demora pelo entendimento de um Brasil traumático e complexo, a catástrofe anunciada.



Desde então, a grande ficha de orelhão da Laerte, que desce à Terra em chamas, ganhou diversas atualizações, sempre atendendo a demanda sociopolítica do momento. Na releitura mais recente¹, feita pela artista Catarina Bessel para ilustrar a [coluna do Gregório Duvivier](#) na Folha de São Paulo, a ficha de orelhão se transforma em coronavírus. Em 2019, Bennett manteve o tom catastrófico original de já ser “tarde demais” quando a ficha caiu, em referência ao primeiro ano de mandato do presidente Jair Bolsonaro. Inclusive Laerte já ressignificou a ficha de orelhão e criou outras versões da tira original. Acontece que cada um tem a sua ficha. Também acontece que cada um tem o seu momento. O seu momento de ter, finalmente, a ficha caída.

¹ desde a publicação desta resenha, em julho de 2020.





Catarina Bessel em releitura de *A grande ficha*, em março de 2020



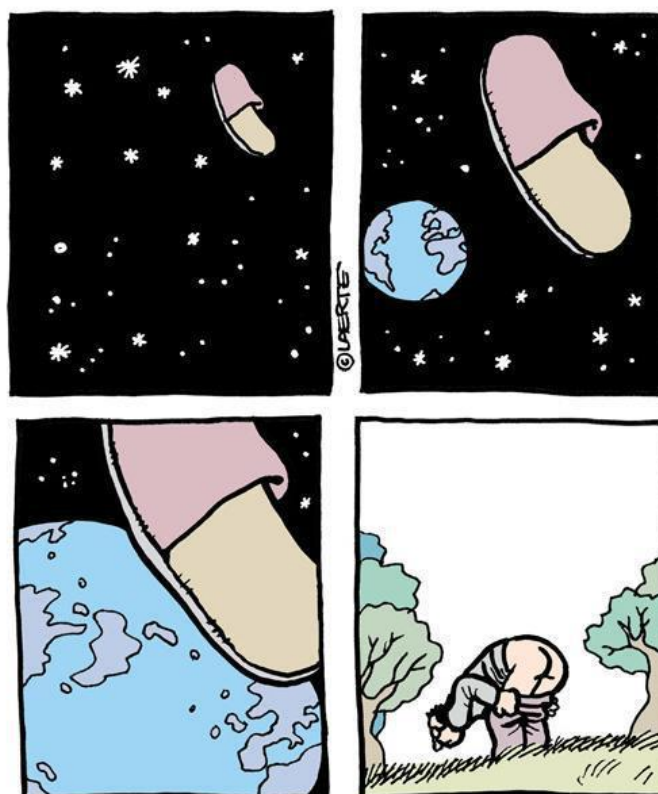


Benett em releitura de *A grande ficha*, em dezembro de 2019



André Dahmer em *O destino da grande ficha*, em maio de 2017





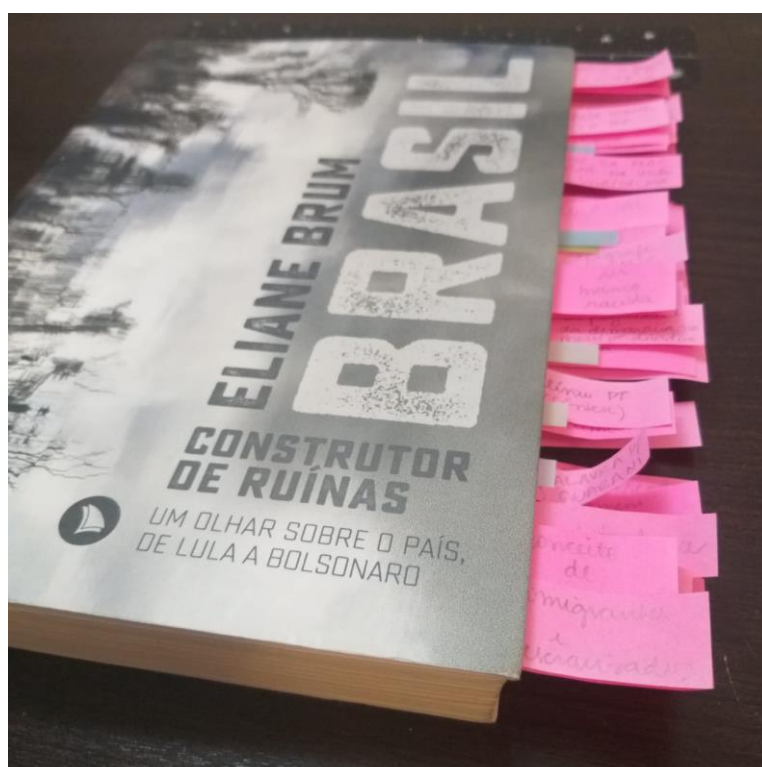
Laerte em releitura da própria obra

Foi preciso o beabá inicial porque *Brasil, construtor de ruínas* também nos chega como uma grande ficha. Uma grande ficha generosamente didática, pois se livra de todos os pressupostos sobre quem pode se debruçar sobre ele. Como se nos pegasse pela mão e debulhasse episódio por episódio dos últimos vinte anos de Brasil. Talvez a citação dos dois nomes que seguem do título (*Um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro*) pode, à primeira vista, causar um salto de fé sobre a quem se destina a leitura. Afinal, quem já não suspirou: “Não está fácil entender o Brasil”? Se você tem um historiador nas suas redes sociais, também já deve ter visto um desabafo sobre como o profissional vai sofrer ao explicar o Brasil para as futuras gerações. Ou, ainda, a máxima: “O Brasil não é para principiantes”, mantra de Tom Jobim viralizado sem as devidas aspas. O que importa é: ao contrário do meteoro da Laerte, a grande ficha da Eliane Brum vem em 303 páginas, disponível em exemplar físico e também digital, numa edição cuidadosamente preparada pela Arquipélago Editorial.

Sem capítulos, embora com intertítulos para respiros, *Brasil, construtor de ruínas* é um livro cuja leitura escorre. Como resultado de desentalar uma bola na garganta mantida por anos, muitos anos. Como se alguém oferecesse escuta para Eliane, que tanto escuta. Quem escuta quem escuta? No caso, *Brasil, construtor de ruínas* foi o lugar seguro para acolher a sobriedade de



Eliane. O espaço seguro para que ela desafogasse. Talvez more aí a razão da ausência da divisão em capítulos: como a Usina Hidrelétrica de Belo Monte perversamente usou das águas do rio para causar, sobretudo, morte a quem dele dependia para viver, Eliane Brum também abriu sua comporta. Mas cabe aos leitores saber lidar com a inundação de suas palavras. Eliane é a tal fada sensata que traz verdades. E nós somos, sobretudo, vítimas da história mal contada.



Por não ser uma edição dividida em capítulos, meu exemplar ganhou post-its para facilitar a busca por temas

Finalizei a leitura me sentindo traída. Como se tivesse aprendido tudo errado. Me percebi absurdamente vulnerável e também vítima dos projetos coloniais de deseducação. Uma das minhas perguntas pós-leitura foi: por que só agora? Por que só agora essa história tão bem contada? Ou: por que só agora a ficha caiu?

Logo na abertura, Eliane Brum mostra que sua generosidade não tem limites. “Por que escrever este livro” é o título que abre a história. Uso “generosidade” para descrever Eliane pois assim ela é não só na linguagem, como também quando parece prever a diversidade de gente que procura (e encontra) refúgio na sua escrita. Quando parece prever os diferentes pontos de partida dos seus leitores. Diversidade e diferença que talvez encontrem como comum a condição de vítimas da [história única](#), como alerta a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Por isso, ao iniciar o livro justificando a escrita dele, é como se Eliane abraçasse o leitor e o avisasse: “Respira fundo. Vou te contar tudo. De uma só vez”. Assim me senti.



Por ser leitora assídua da Eliane Brum, consegui identificar raciocínios e escritas de leituras passadas, principalmente dos artigos que ela publicou como colunista de opinião no [El País](#). Isso porque *Brasil, construtor de ruínas* é um livro que revisita suas análises desde a campanha e eleição de Lula (começo dos anos 2000) até os primeiros meses da gestão Bolsonaro (2019). Talvez o leitor deve estar se perguntando: por que, então, a surpresa ao fim da leitura? Confesso que também fiz essa autocrítica. De imediato, me lembrei de Saramago: “É preciso sair da ilha para ver a ilha”. Mas... como? Como olhar para uma história que se faz todo dia? Eliane Brum, na abertura “Por que escrever este livro”, diz assim:

“O grande desafio do jornalismo é escrever sobre a história em movimento. Para o repórter, raramente há o ‘distanciamento histórico’, aquele que permite o assentamento dos fatos, a clareza conferida pelo passar dos anos, o olhar confortável pelo espelho retrovisor. Estamos sempre escrevendo com os fatos se desenrolando.”

Brasil, construtor de ruínas oferece a possibilidade de sairmos da ilha. Ouso dizer que Eliane Brum é o prático, o comandante que nos guia em rotas seguras de navegação. Para onde ela nos leva? Magicamente para um passado com direção ao futuro. Gosto de pensar na Eliane Brum como uma entidade, que ao mesmo tempo em que divide sua existência conosco, também plaina num plano superior, numa espécie de olho que tudo vê. Pois ela consegue participar e, ao mesmo tempo, se distanciar daquilo que participa. Eliane Brum vê a ilha sem precisar sair dela. Ainda que reconheça a dificuldade de contar uma história em andamento, ela não tem medo. Enfrenta o desafio. Eliane Brum é, sem dúvida, o prático dos que se aventuram a conhecer a história do Brasil. Sortudos são aqueles que embarcam com ela. A oportunidade de ter os últimos vinte anos de história do Brasil (digo, uma história bem contada dos últimos vinte anos de Brasil) reunidos em um livro já é motivo para que ele seja lido.

Também cabe, ao falar do trabalho da Eliane Brum, o uso do substantivo coerência. Que, no caso dela, é um verbo. Afinal, desde 2017 ela firma endereço em Altamira (PA), para “inverter o ponto de vista de onde olhava para o Brasil”. No começo dos anos 2000, a repórter passa a levar a sua escuta para os povos da floresta amazônica. A partir de 2011, com maior exclusividade às famílias ribeirinhas atingidas pela Hidrelétrica de Belo Monte. Ao invés de sair da ilha pra ver a ilha, Eliane se embrenha cada vez mais para dentro dela. E dá certo. É importante essa breve contextualização porque a capa de *Brasil, construtor de ruínas* estampa a fotografia de autoria de Lilo Clareto, seu parceiro de voadeiras e caminhadas. São árvores mortas no reservatório de Belo Monte, no Rio Xingu. É apenas um anúncio do que vem. Porque vem. Se não fosse a Eliane Brum para costurar os últimos vinte anos de história do Brasil trazendo à tona a Amazônia, pode ser que a floresta continuasse sendo, para muitos do eixo Rio-São Paulo e além-Brasil, um deserto verde, imagem que a ditadura cimentou muito estrategicamente para explorar e matar a diversidade humana e cultural dos povos da floresta.



(Desabafo: aos que ainda carregam a imagem da Amazônia no singular, distante, misteriosa, inalcançável e dormente, se prepare. Pois já é tarde demais. Tarde demais para conhecer as Amazônias, que ardem em chamas. Tarde demais, inclusive, porque nossa existência está em risco - porque a floresta segue em risco. A floresta segue em ruínas. Somos, grande parte, testemunhas desse espetáculo. Alguns aplaudem.)

Qual repórter e pensadora brasileira, se não a Eliane Brum, é porta-voz dos povos da maior floresta tropical do mundo? Quem, se não a Eliane Brum, costura sobria e urgentemente os fatos trazendo à tona as consequências das mudanças climáticas? E da total relação das mudanças climáticas com a derrubada e queimada da Amazônia? Quem, se não Eliane Brum? Por isso, *Brasil, construtor de ruínas* é um livro obrigatório. Pois, ausentes do passado, não conseguimos criar um futuro coerente. Pois, ausentes das Amazônias, não vai ter São Paulo. Não vai ter Rio de Janeiro. Não vai ter nós. Não vai ter eu. Não vai ter você. Não vai ter amanhã.... digo, o amanhã vai existir, mas sem a espécie humana para atestá-lo.

Se o ponto de partida de Eliane Brum foi “Por que escrever este livro”, te ofereço o meu, na condição de leitora: Por que ler este livro? Ora, quando digo que Eliane Brum é didática e generosa não é à toa. Afinal, ela também oferece um caminho para essa resposta. Quando ela cita o povo Guarani Kayowá, “palavra é palavra que age”, ou quando diz que “palavras têm que gerar movimento”, lembro da eloquência de Clarice Lispector: “Palavra é ação”; também do *Elogio da leitura*, de Vargas Llosa, que agradece os ensinamentos dos seus pares na missão do contar histórias: “(aprendi com) Sartre que as palavras são atos, que um romance, uma peça ou um ensaio, comprometidos com o presente e com as melhores escolhas, podem mudar o curso da história”. Se não a grande história, as pequenas, como a minha. Pois, ao finalizar a leitura de *Brasil, construtor de ruínas*, não retornei a mim. Sou, desde então, outra: fortalecida. Quem você é depois de *Brasil, construtor de ruínas* é tão importante quanto a leitura dele. É um “imperativo ético” agir. É isso: a vida que você vai dar às palavras após a leitura do livro é o que importa.

Depois de tantos “por quês” e “porquês”, para que a palavra se transforme em ação é preciso de um “como”. O meu é: sabe os contatinhos bloqueados em 2018? Aqueles ex? O ex-pai, a ex-mãe, o ex-irmão, a ex-irmão, os ex-amigos? Pois bem: eles. Desbloqueia todos e chama pra conversar. Emprista seu exemplar de *Brasil, construtor de ruínas* pra eles. Dá um de presente. Sugere a leitura. Bora resenhar. Tem muita gente arrependida e perdida que está querendo entender o que acontece no Brasil. Prepara essa galera pra 2022. Pra vida. (Aquele ex-tio que sempre foi ex-tio... Também não custa tentar, vai?!) E *Brasil, construtor de ruínas* é o livro para recuperar esse diálogo. É o livro para se desculpar com o Brasil e também consigo. É o livro para se reconectar com a nossa história e dar condições para que a gente consiga sonhar um futuro possível e coerente. Como disse o analista Roberto Gambini, “o nosso futuro está preso no passado”. É isso.

Somos, leitores de *Brasil, construtor de ruínas*, indivíduos da espécie humana que sobreviveram ao meteoro da grande ficha da Laerte. Mas não só sobreviventes. Carregamos nossos



exemplares de *Brasil, construtor de ruínas*. Por isso, temos um ponto de partida. Diante de tanto destroços, estamos munidos da história. Para que a gente se lembre dela e evite que acontecimentos catastróficos e fazedores de ruínas se repitam.

Outras leituras que estão em sintonia com *Brasil, construtor de ruínas*:

Ideias para adiar o fim do mundo (Ailton Krenak)

Um defeito de cor (Ana Maria Gonçalves)

Viva o povo brasileiro (João Ubaldo Ribeiro)

Maria Altamira (Maria José Silveira)

A mãe da mãe de suas mães e suas filhas (Maria José Silveira)

A ocupação (Julian Fuks)

Brasil: Uma Biografia (Lília Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling)

